

## PORTUGAL E OS PORTUGUESES NO CABO DAS TORMENTAS/BOA ESPERANÇA DO FIM DESTES TEMPOS

João Andrade da Silva

NOTA INTRODUTÓRIA: Depois da assinatura do acordo de "DES" CONCERTO SOCIAL, convido todos os camaradas militares, em todas as situações, activo, reserva e reforma, a lerem este texto.

Espero que a AOFA lhe dê a divulgação que melhor entender na defesa da democracia, da liberdade e da eventual intervenção das Forças Armadas, no futuro e previsível contexto de alta conflitualidade social"



Se tivéssemos vivido os tempos da passagem do escravagismo para o feudalismo, ou deste, para a revolução industrial não teríamos dificuldade, por certo, em identificar que estamos a viver um momento de transição para algo, ainda não muito bem definido, e, daí, uns falarem do IV Reich Universal, com o eixo agora definido pela China, EUA, Alemanha (França) que escravizariam os demais, e manteriam ente si a paz, o que, outros dizem não ser possível, e que perante uma mudança estratégica da China, querendo completo domínio do mundo, como vimos no texto anterior, sobre a "chinização" do mundo, transformando a Europa e depois os EUA em campos de refugiados, alimentados pelos sacos de arroz chineses, haveria a eclosão de uma terceira Guerra Mundial, pelas questões económicas, de descontentamento social e de sobrevivência.

Muito embora, o quadro de tragédia possa não ser este, a TRAGÈDIA está aí à frente nos próximos 10, 15, 20 anos. De facto não há saída para esta crise sem uma profunda mudança na governança do mundo, porque está

em curso um processo de implosão da Europa IRREVERSÍVEL, de suicídio, como diz Stiglitz (jornal I, 10 Dezembro 2011), com a grave desindustrialização em curso: as indústrias europeias (portuguesa) rebentaram, porque os países emergentes China, Índia, Rússia produzem tudo, a preços da chuva, com cada vez mais qualidade, e são ainda donos da energia que consumimos, e complicando tudo, acontece que esses países têm GOVERNANÇAS corruptas, ditatoriais, ou pseudo-democráticas, como o caso da Rússia.

Sem uma profunda e forte negociação que leve os países emergentes, sobretudo a China a porem termo ao trabalho escravo de 700 milhões de chineses, quase duas vezes a totalidade da população Europeia, a Europa implodirá economicamente, isto é, 2/3 da população europeia vai ver as actuais condições de vida: educação, emprego, saúde, cultura, segurança social, regredirem a níveis inimagináveis. Mas a Europa suportará isto?

Nós portugueses, pequena barça, que segue atrás e colada a esta Europa que começou a adornar, quando a Europa se afundar a pique, seremos naturalmente sorvidos pela gigantesca força de sucção da tragédia, e seremos atirados aos tubarões amarelos.

Mas se a tragédia é inevitável nesta Europa que se tem vindo a converter em merkelândia e, segundo outra óptica mais realista e mal cheirosa, em merdolândia, que podemos fazer?

A nível Mundial ou europeu, nós portugueses, talvez pouco, mas a nível interno muito, ou seja, antecipar o que nos pode acontecer, analisar o que nos está a acontecer, precavermo-nos e provermos um futuro diverso do que os abutres desejam.

Neste momento em Portugal, como na Europa poucos querem falar da tragédia próxima e porquê?

1 - Quando são governos não sabem muito o que fazer, porque na terra já não há mais espaço a descobrir, fica o cosmos, e ao cosmos não chegam todos, só chegará quem tiver tecnologia muito avançada e outros meios. Ao nível da industrialização poucos nichos há fora, do que já foi deslocado para os países emergentes e vai continuar a deslocalizar-se. No

caso português, até, como política do presente governo que na RTP1 fez um convite claro, as pequenas e médias empresas vão deslocar-se para Angola e outros destinos;

2 – Quando são a oposição com um projecto alternativo ou de alternância negam esta realidade, porque se são alternância, (Partido Socialista) se disserem a verdade, nunca chegarão ao poder, se têm, como em Portugal, um projecto alternativo de natureza revolucionária, partidos comunistas, ou movimentos de indignados, esperam que os poderes caiam na rua, esquecendo que o governo pode cair na rua com 500, um milhão de cidadãos, mas manter o poder em democracia é preciso muita, muita mais gente, e, por outro lado, como diz Freitas do Amaral também as forças de direita sabem que quando o poder cai na rua, reconquista-se na rua.

Nesta encruzilhada o que podem, ou devem fazer os 10 milhões de Portugueses?

Neste momento de pré-tragédia, os que querem que o poder caia na rua tem o caminho aberto à sua frente: continuar, aprofundar as lutas, o que o acordo de (des) concerto social ainda mais propicia, com a agravante do Partido Socialista e da União Geral de Trabalhadores (UGT) porem-se de fora, mas têm de pensar no dia seguinte, muitos destes vislumbram algo, como a primavera árabe, facto possível daqui a muitos anos, bastava saber/ver o que é a miséria nesses países - Marrocos, Egipto, África, para sabermos quão longe estamos dessas realidades, em que ultrapassar os 50 anos de vida é uma grande sorte; outros os novos-velhos asterix, heroicamente, vêm dizendo para se fechar o país ao estrangeiro. Pergunto, mas como?

Nas cidades vamos comer pedras, se nós importamos muito do que comemos, e, ainda, se a principal importação é de combustível vamos voltar a andar de carroças, deixar de ter luz e água em casa, e as poucas fábricas vão parar, e por falta de transporte (ambulâncias e helicópteros) deixam de haver urgências médicas, e as pessoas morrem sem poder chegar ao hospitais?

De facto nunca se viu tanto, e tão idiotas revolucionários do mundo., mas

transportam morte e infortúnio – pura idiotia.

Todavia, temos de fazer muito para evitar ou atenuar os efeitos desta tragédia. A nível interno teríamos de:

Restaurar a **MORALIDADE** na prática política e cidadã, para isto, os cidadãos militantes nos partidos deveriam expurgar no interior daqueles as práticas ditatoriais, isto é, serem cidadãos dentro dos seus partidos, como protagonizam para a sociedade, mas quando dentro dos seus partidos são subcidadãos, este comportamento reduz a actividade dos partidos a meros reprodutores das ideias dos seus órgãos e personalidades de direcção e controle. Contudo a cidadania que é possível e desejável, dentro os partidos não é provável, logo o caminho é muito mais difícil.

Temos uma população altamente condicionada psicológica e socialmente por verdadeiras instituições de intoxicação mental, cultural, política, psicológica, semiótica e espiritual – estado, televisões, igrejas, sindicatos, partidos -, isto é, em Portugal há poucas instituições produtoras de pensamento crítico, livre, e, isto, atrofia o pensamento alternativo, criativo e libertador, construtor de e do Futuro, e deve alertar e preocupar muito as Forças Armadas, para seguirem com toda atenção a evolução da situação social portuguesa, que pode tornar-se gravemente conflituosa.

Seria fundamental que aqueles que tanto reclamam comportamento cidadão para os não militantes o tivessem no interior dos partidos. Seria uma prática efectiva e moral do comportamento cidadão, mas como isto não vai acontecer por erradicação espontânea, nem sem grande sacrifícios e lutas, devemos de ir alertando os nossos concidadãos militantes que ser muito crítico dos outros e completamente aceitante das asneiradas dos gurus partidários, é um meio caminho andado, para nos aproximarmos do desastre.

Paralelamente a este movimento de grande dificuldade de sucesso, os partidos dão um sentimento de segurança aos seus militantes, logo estes não querem perder os vínculos e, assim, de um modo egoísta sacrificam os interesses do país aos seus interesses, pelo que seria preciso fazer

frente a este mais que provável impasse que nos atira para o fundo, criando um forte movimento cidadão que exija a todos um comportamento moral e ético.

**É preciso Restaurar, Reinventar a Democracia.** Restaurada a moralidade seria importante criar um grupo e liderança de cidadãos ímpolutos, honestos, sábios para lançarem as bases de um estado que respeitasse a **DEMOCRACIA, A DIGNIDADE DOS CIDADÃOS DO NASCIMENTO ATÉ À MORTE E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO.**

Como tarefas concretas seria absolutamente necessário não permitir que: a **CORRUPÇÃO** se mantenha ímpune e leva-nos cerca de 13% do PIB; a **ECONOMIA PARALELA** funcione sem freio, e cresça de um modo galopante, atingindo cerca de 24% do PIB, isto é, se não fosse a fuga ao fisco não seriam precisas doses tão elevadas de austeridade.

Seria urgente encontrar, constituir aquele grupo de gente sábia, com moral, digna, competente para gizar um caminho político mais consensual para internamente reconstruirmos Portugal na:

- **INDUSTRIALIZAÇÃO possível**, que no contexto internacional pode ter de enveredar também pelos pastéis de nata, de bacalhau etc., mas pode e deve produzir para o mercado interno – **substituição de importações** – e, muito importante, através da investigação de ponta descobrir nichos de mercado a nível internacional, apesar de raríssimos.

- **REDESCOBERTA da agricultura** numa perspectiva agro-industrial, o que, obrigaria a repensar o minifúndio;

- **LANÇAMENTO DE POLÍTICAS DE RENDIMENTO** que respeitem a moralidade a nível interno e externo. Há vencimentos de alguns dignitários portugueses que são superiores aos seus homólogos americanos. O vencimento do PR e o ordenado mínimo nacional deveriam servir de referências para o cálculo dos vencimentos dos gestores do sector privado e do público. **É ímoral** que jogadores de futebol e gestores ganhem 200 a 400 mil euros/mês, os 30 mil euros são uma banalização, ganham os apresentadores de programas de TV, destrutivos de mentes e da cultura.

- e ainda **lançamento de novas políticas** em todos os outros campos: educação, justiça, fiscalidade, investimento, consumo, ecologia, emprego, juventude, velhice e demografia, esta muito, muito, importante etc.

Se nenhuma nova solução política a nível interno, nos termos do consenso vier a acontecer, teremos três projectos em presença – **o Liberal, o do Partido Comunista e o dos Movimentos Emergentes.** ( O social-democrata perdeu-se algures, ou está de férias em nenhures – um verdadeiro desastre no universo democrático).

O **LIBERAL** está em curso, e acabará sempre mal para os Europeus e tanto pior, quanto mais as políticas económicas se basearem na austeridade, pela austeridade, como está acontecer. É também de admitir o mesmo desastre final para os americanos, conquanto de um modo não totalmente compreensível se diga que os EUA querem enfraquecer a Europa, mas a Europa não é sua inimiga, a atenção dos EUA deveria voltar-se para a China, em que, 60% da exportação chinesa, em 2005, foi produzida por empresas americanas deslocadas para aquele país.

Logo, sem um novo paradigma político baseado na Moralidade, na ética, na democracia, na liberdade, na dignidade e no desenvolvimento; sem a emergência de novas lideranças políticas; sem a revolução democrática no interior dos partidos; sem a alteração da lei eleitoral que permita aos eleitores escolherem os eleitos e não somente referendarem as listas dos boys dos secretários gerais dos partidos **VAMOS PERDER a BATALHA POLITICA, DA DEMOCRACIA e da LIBERDADE**, mesmo que os governos liberais caiam na rua, por força da acção conjugada de um certo sector político e sindical dinâmico, o que, a seguir emergirá, se não houver o referido consenso muito alargado na sociedade portuguesa, muito dificilmente, terá um carácter democrático, e, para este consenso ser eficaz, deve levar em linha de conta que a hostilização da Igreja Católica a qualquer projecto político, transporta uma dificuldade extrema num país predisposto a ver milagres e castigos de Deus, por tudo quanto é sitio, mantendo o núcleo duro do pensamento do século XVI, tão contrariado pela retórica de Gil Vicente: “Deus intervém no seu mundo, o céu, e não no dos homens, nem no natural, a Terra”.

Se tudo isto se fizesse, o que é muito pouco provável, talvez pudéssemos minorar ou afastar a trajetória de tragédia traçada para Portugal, para os próximos 20 anos, com um crescimento previsto perto do 0 a 1%.

Coisas...

Andrade da Silva

Veremos, no próximo texto, como penso que a redescoberta da Democracia, baseada na dignidade e no Desenvolvimento, em Portugal, poderia influenciar a Europa e o que devemos **EXIGIR** à liderança Europeia. - Também medíocre e egoísta – para evitar o nosso desastre, por sermos parte dessa mesma Europa.

O que dizem cinco pensadores portugueses:

Boaventura Santos: “temos formado conformistas incompetentes e precisamos de rebeldes competentes”;

Eduardo Lourenço: Se as manifestações de Indignados não fossem inconsequentes, o mundo já estavam a arder” “ A Europa condicionou a civilização mundial e agora não tem liderança. Está paralisada. Os problemas refluíram para ela própria”;

Ana Vicente: “ Os governos endividaram-se para serem populares” “ A Democracia também precisa de ser reinventada, no sentido da ética”

Adriano Moreira: “ A paz (Mundial) está em perigo”

José Barata Moura: “ A indignação precisa de ser completada com debate e com recuperação de um sentido sério da política”